

01-12-2023

A DESCOBERTA DAS BIBLIOTECAS

Ricardo Fernandes Gonçalves

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

O livro *“Encaixotando minha biblioteca: uma elegia e dez digressões”*, do escritor argentino Alberto Manguel (2021), inicia com a descrição da biblioteca de mais de 30 mil livros reunidos pelo autor no decorrer de muitos anos de estudos dedicados à história da leitura. A mesma biblioteca que teve de ser encaixotada quando ele decidiu se mudar de sua casa na França para o Canadá. Empacotar seus milhares de livros não foi apenas uma tarefa laboriosa; foi também uma viagem ao mágico solo da leitura e da escrita. Ler o livro de Manguel me fez refletir sobre minha relação com os livros e as bibliotecas. Nasci no interior de Minas Gerais. Na comunidade rural onde passei a infância e a adolescência ninguém tinha biblioteca. Território desigual e de trabalhadores explorados e analfabetos, a leitura estava distante dos gostos, dos hábitos e da formação cultural da sociedade local.

O único livro que todos os trabalhadores conheciam era a Bíblia, que, mesmo os analfabetos, guardavam aberta em uma mesa ou estante da sala da casa. Meu primeiro contato com os livros ocorreu quando ingressei na escola pública. Nela existia uma professora que reunia os alunos à sombra de imensas mangueiras para leituras coletivas. As crianças escolhiam livros e, sentados no chão ou em cadeiras que levávamos da sala, líamos e compartilhávamos em círculos histórias e personagens. Naqueles momentos, a imaginação das crianças ultrapassava os muros da escola para viajar ao mundo de ficção, para percorrer continentes desconhecidos. A biblioteca da escola era simples, de poucos livros e quase nenhuma organização do acervo. Aos poucos ela foi se transformando no depósito de móveis velhos e “lugar do castigo”. De toda maneira, a Irenilda, nossa professora de História, mantinha a prática de recolher livros e distribuí-los entre os alunos para as leituras no pátio arborizado. Me lembro das palavras da professora voarem como as borboletas e pássaros que se misturavam à menina. Sua voz bondosa e solidária ensinava os filhos de camponeses a descobrirem os livros e a ressignificarem a biblioteca da escola. A escola pública de Santa Rosa democratizou o acesso ao livro para centenas de filhos de roceiros e trabalhadores pobres do mundo rural mineiro. Certamente essa escola e a professora estão na origem de minha dilação por livros, bibliotecas e leituras. Me tornei um frequentador de todas as bibliotecas públicas dos lugares onde morei e estudei. Em Patrocínio (MG) e Coromandel (MG), por exemplo, atravessava tardes inteiras nas bibliotecas municipais lendo e admirando livros novos ou de capas pardacentas. Encontrei nas prateleiras das bibliotecas os livros que me apresentaram personagens como Dom Quixote e Sancho Pança, de Miguel de Cervantes; Dr. Simão Bacamarte, de Machado de Assis; Tieta e Pedro Bala, de Jorge Amado; e Zaratustra, de Nietzsche.

Recém saído da comunidade rural para cursar licenciatura em Geografia na cidade de Patrocínio; magro, tímido e pobre, encontrei nas bibliotecas um oceano de sonhos, imaginação e amizades com criaturas fictícias de enredos intermináveis. A descoberta das bibliotecas preenchia minha curiosidade.

Despertava em mim práticas que não abandonei mais, como a de fazer anotações depois da leitura de um texto ou de um livro; de ter um livro sempre ao alcance das mãos em qualquer lugar; de anotar palavras desconhecidas em um caderno para depois utilizá-las.

A descoberta das bibliotecas demonstrou que ela é um dos espaços mais aprazíveis onde já entrei. Cresci ouvindo da família religiosa que o remanso da alma se encontrava dentro da igreja, mas, no meu caso, fui encontrá-lo no interior das bibliotecas. Em um tempo no qual milhares de textos podem ser baixados ao toque da tela do celular ou do tablet; diante de um cotidiano capturado por jogos online, curtidas no Instagram, vídeos de TikTok e de youtubers com milhões de seguidores; enfim, frente a um tempo em que o “extrativismo da atenção” vale trilhões de dólares (Bucci, 2021), falar de bibliotecas pode parecer supérfluo. Todavia, as observações de Alberto Manguel (2021, p.64), demonstram o contrário. Entre as lições sublinhadas pelo autor, destaca-se a de que *“toda biblioteca é autobiográfica”*. Para ele, os livros que guardamos nas bibliotecas contam parte de nossa história. Há os livros com dedicatórias de pessoas queridas; os que ganhamos de presente de aniversário; os presenteados por um professor que admiramos; os que compramos nas ruas empoeiradas de *Havana Vieja*, Cuba; os livros cuja leitura foi fundamental no mestrado ou doutorado; os livros com poemas que lemos em voz alta e apaixonada. Guardamos certos livros, pois há neles parte de nossas experiências e histórias buriladas no tempo. Talvez, também por isso, igual a Manguel, nunca me senti sozinho nas bibliotecas. Outra lição deste autor refere-se ao amor pelos dicionários. *“Em termos práticos, os dicionários coletam nossas palavras tanto para preservá-las como para nos entregá-las de volta, para nos permitir ver que nomes demos à nossa experiência no decorrer do tempo, mas também eliminar alguns desses nomes e renová-los num continuado ritual de batismo. Nesse sentido, os dicionários preservam a vida, confirmam e revigoram a seiva vital da linguagem”* (p.134).

O amor pelos dicionários fez Manguel reunir centenas deles em sua biblioteca. Assim, ele demonstra que grandes escritores como Gabriel García Márquez eram leitores de dicionários. No caso do autor de *“O amor nos tempos do cólera”*, os dicionários eram folheados à cata de palavras novas todas as manhãs antes de escrever qualquer coisa.

Isso me fez lembrar de um amigo que aprecia os dicionários e diz que eles são os principais indicativos de um intelectual. Neles, o léxico de determinada língua está à espera das descobertas de curiosos escritores e leitores. Esse mesmo amigo passa dias de férias de final de ano à cata de palavras novas que anota e incorpora em textos ou frases de cartas que ainda escreve e envia por correios a alunos.

Alberto Manguel também sublinha a importância e o poder da literatura. Para ele, *“é claro que a literatura pode não salvar ninguém da injustiça, das tentações da cobiça ou das desgraças do poder. Mas algo nela deve ser perigosamente eficaz, já que todo governo totalitário e todo alto funcionário ameaçado tentam eliminá-la queimando livros,*



proibindo livros, censurando livros, aplicando impostos sobre livros, limitando-se a fazer de conta que respeitam a causa da alfabetização, insinuando que a leitura é uma atividade elitista” (p.158). A literatura, de fato, parece incomodar muitas pessoas e não apenas os poderosos e governantes. Certa vez um professor me viu com um livro de literatura em mãos e fez chacota. Disse que deveria dedicar minha atenção à pesquisa do doutorado e não aos devaneios da ficção. O livro era “*Naqueles morros, depois da chuva*”, do escritor goiano Edival Lourenço. A ambientação do romance de Lourenço contou com o cotidiano febril das minas de ouro goianas do século XVIII. Minha tese era sobre a mineração em Goiás.

E eu estava lendo um livro de literatura que ampliou minha compreensão da formação social e cultural goiana. Acreditava que a interpretação literogeográfica seria fundamental na construção do texto da tese. Por isso, só me restou naquele momento considerar as palavras do referido professor uma pachoucada inconveniente.

“O único método comprovado de fazer nascer um leitor é um que ainda não foi descoberto, que eu saiba. Na minha experiência, o que funciona de vez em quando (mas nem sempre) é o exemplo de um leitor apaixonado. Às vezes, a experiência de um amigo, um pai, um professor, um bibliotecário, obviamente emocionados com a leitura de determinada página, pode inspirar, se não a imitação imediata, ao menos a curiosidade.

A descoberta da arte da leitura é íntima, obscura, secreta, quase impossível de descrever” (Manguel, p.165).

Está aí a maior lição do livro: o exemplo do leitor apaixonado.

Por fim, perguntamos: nós, professores e profissionais da palavra, temos o direito de não sermos leitores apaixonados?

Para ser um leitor apaixonado, a descoberta das bibliotecas é fundamental.

Descobri-las é abrir-se à descoberta do mundo, dos mundos da imaginação e da vida.

■ ■ ■

■ Bucci, Eugênio. *A superindústria do imaginário*. São Paulo: Autêntica, 2021. ■ Manguel, Alberto. *Encaixotando minha biblioteca: uma elegia e dez digressões*. São Paulo: Edições Sesc, 2021.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.